

O que significa precisamente ser socialista hoje? Qual é o exato sentido da palavra socialismo nos nossos dias, depois de todas as revisões que a vida está impondo à teoria política?

Questionando os rumos do socialismo

Leandro Konder

Aousada proposta da glasnost e da perestroika, feita por Gorbachov na União Soviética, deixou claro que os problemas do modelo leninista são muito mais sérios do que a tradição leninista admitia. O massacre da Praça da Paz Celestial tornou explícitos os impasses do modelo socialista chinês. A derrocada do governo de Honecker na República Democrática da Alemanha, a ascensão ao poder do movimento Solidariedade na Polónia, a vitória do "revisonismo" na Tchecoslováquia e na Hungria, os recentes tumultos da Bulgária e o fuzilamento de Ceaucescu na Romênia não podem ser honestamente interpretados como "acidentes de viagem": são fatos de uma gravidade extrema, que exigem uma reformulação na própria essência do conceito de socialismo.

As categorias fundamentais do pensamento socialista estão sob suspeita: precisam ser submetidas a uma rigorosa verificação crítica e devem provar que não caducaram, para tornar a ser eficazes, para voltar a ter credibilidade.

Numa hora como esta, mesmo aqueles que admiram Lênin e o consideram um gênio da história política do século XX (sou um deles) devem estar preparados para redimensionar o alcance das formulações teóricas decisivas do grande líder da revolução soviética, podendo eventualmente suas pretensões à universalidade. Observando, com um mínimo de espírito realista, o que se passa com os partidos comunistas no mundo inteiro, é impossível não abrir espaço para a discussão: o partido de tipo leninista não terá encerrado seu ciclo histórico de eficiência revolucionária?

O pensamento conservador e o pensamento liberal, evidentemente, aproveitam aquilo que talvez venha a se caracterizar como a agonia do leninismo para tentarem realizar um velho sonho que ambos alimentam há séculos: enterrar o socialismo. O leninismo não era a expressão revolucionária mais consequente do socialismo? Então, se o leninismo está estrebuchando na Romênia, gritando de dor na União Soviética e baixando o sarrafo na China (ou em Cuba, ou na Albânia), é evidente que as (enormes) despesas devem ser debitadas na conta do socialismo...

Há um pequeno inconveniente nesse argumento liberal-conservador: ele é faccioso. E não distorce a realidade apenas porque nos impinge uma explicação simplista para a crise do leninismo; falseia o real também - e sobretudo - porque escamoteia a rica experiência histórica do socialismo não leninista.

Vale a pena lembrarmos aos liberais e aos conservadores que, mesmo se deixarmos de lado os velhos anseios "socialistas" de pensadores da Antiguidade e da Idade Média, mesmo se dispensarmos a dimensão "socialista" das utopias do Renascimento e nos concentrarmos na história moderna e contemporânea, encontraremos, inevitavelmente, várias expressões significativas de uma história robusta, que não se deixa reduzir a esquematizações apressadas e que é muitíssimo mais ampla que a do leninismo: a história do socialismo moderno.

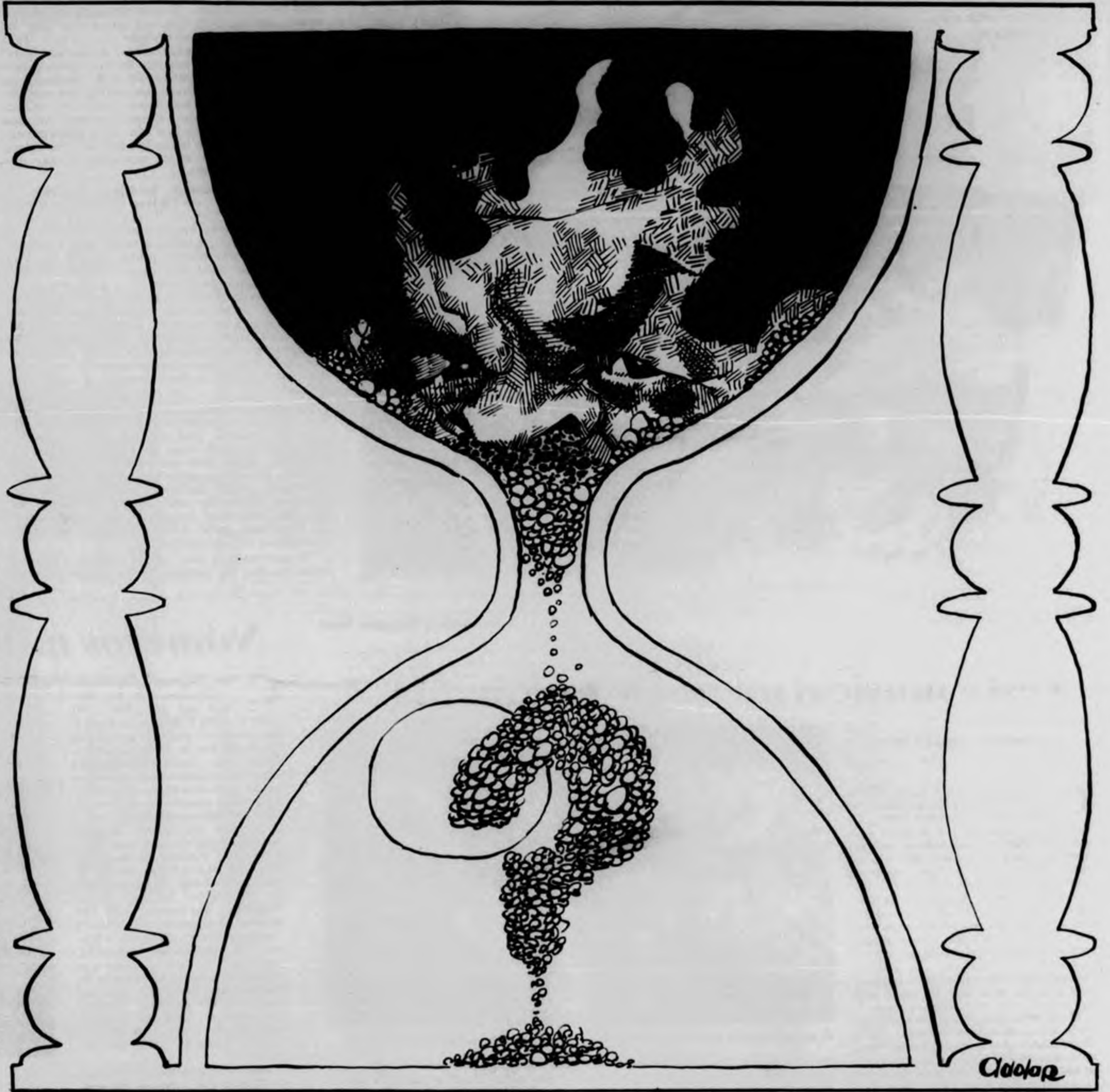
Um pouco de história

Há pouco mais de cem anos, realizou-se em Paris um congresso destinado a marcar profundamente a nossa história política: o congresso de fundação da nova Associação Internacional dos Trabalhadores (até hoje conhecida como a Segunda Internacional).

Marx tinha morrido, mas seu amigo Friedrich Engels estava vivo e pôde ver o extraordinário avanço do movimento operário europeu. Com muita paciência, os líderes políticos ligados aos trabalhadores teceram a rede dos entendimentos que permitiram a aproximação de importantes setores do "tradeu-nionismo" inglês, dos guesdistas e possibilistas franceses, de combativos holandeses simpatizantes do anarquismo, de veteranos socialistas italianos e de social-democratas alemães. E em 1900 - há um século, portanto - constituiu-se um Escritório Socialista Internacional, uma comissão executiva e um Secretariado, presidido pelo belga Camille Huysmans.

Não se tratava de uma organização centralizada. A direção não ditava normas para os diferentes partidos e se limitava a facilitar o entrosamento de uns com os outros, através da troca sistemática de experiências. As especificidades nacionais eram respeitadas. O intercâmbio, entretanto, estimulava a reflexão crítica e autocrítica; favorecia a renovação. E logo alguns dos partidos socialistas filiados à Segunda Internacional passaram a crescer em ritmo acelerado.

O velho Eng. acompanhou esse processo, no princípio com simpatia, depois com entusiasmo. Em 1893, compareceu a um congresso internacional que se realizou em Zurique, na Suíça, apesar da avançada idade (73 anos), nomeou uma delegada operária e demonstrou notável vitalidade intelectual na assimilação das lições proporcionadas pelas novas experiências de luta. Percebeu que tinha passado o tempo dos combates heróicos nas barricadas, nas ruas. Reconheceu que o sufrágio universal exigia o desenvolvimento de novas habilidades na atuação dos militantes socialistas. Poucas semanas antes de morrer, escreveu: "A ironia da história universal põe tudo de pernas para o ar. Nós, os "revolucionários", os "subversivos", progredimos muito melhor pelos meios legais do que pelos meios ilegais e pela subversão. Os partidos da ordem - como eles se inti-



tar graves problemas. Os partidos cresceram, endureceram, começaram a mobilizar um pequeno exército de funcionários e com isso (conforme observação feita por Max Weber) se burocratizaram. Estreitaram-se os canais da participação efetiva da classe operária na direção partidária. Os dirigentes, em crescente medida, foram se tornando demasiadamente otimistas, confiantes em excesso, e passaram a crer que a história se fazia por si mesma, automaticamente, sem que os sujeitos humanos precisassem tomar iniciativas e atacar os reductos do conservadorismo.

Difundiu-se na cúpula da Segunda Internacional a convicção de que tudo estava correndo bem, as forças produtivas estavam crescendo, todos estavam progredindo e a possibilidade de uma guerra mundial estava se tornando cada vez mais remota.

Quando a guerra estourou, em 1914, a Segunda Internacional entrou numa crise braba. E o russo Lênin aproveitou para declarar que ela estava falida, que o modelo de partido ligado a ela estava superado e que era preciso criar um modelo novo. A fundação da Terceira Internacional (a Internacional Comunista) e a expansão dos partidos de tipo leninista apagaram, durante algum tempo, a história desse socialismo anterior à era de Lênin. Agora, contudo, com a multiplicação dos indícios de um naufrágio do leninismo, impõe-se uma franca revisão histórica: além de uma releitura crítica que nos permita reavaliar o legado de Lênin, à luz das novas circunstâncias, precisamos reagatar a memória da Segunda Internacional de cem anos atrás.

Redefinição do socialismo

Na direção desses primeiros partidos de massa da história estavam grandes socialistas, cujos nomes nunca poderão ser apagados dos livros por mais forte que seja a prevenção que os liberais e os conservadores tenham contra eles. O francês Jean Jaurès, professor, que viria a ser assassinado em 1914. Jules Guesde, que esteve exilado na Suíça, nos anos da onda de repressão que se seguiu à Comuna de Paris. O médico austríaco Victor Adler, o italiano Filippo Turati e os alemães Karl Kautsky, August Bebel e Wilhelm Liebknecht, por exemplo.

Independentemente de todas as diferenças que existem entre as posições políticas e teóricas assumidas por esses homens - e por outros, tais como Alexandre Millerand e Eduard Bernstein - eles foram os representantes socialistas qualificados de um movimento histórico de extrema importância e que não teve nada a ver com o leninismo.

No começo do século XX, o movimento socialista, que eles dirigiam, passou a apresen-

sofreu um nítido deslocamento para a direita, na sua linha política: deixou de ser a social-democracia de Engels, de Bebel, de Guesde, de Victor Adler e de Wilhelm Liebknecht para se tornar a social-democracia de Schumacher, de Willy Brandt, de François Mitterrand e de Felipe Gonzalez.

Apesar das dificuldades, vale a pena fazer um esforço: vale a pena olharmos para trás, não para imitar (é claro), mas para compreender a força e os limites daquilo que alguns socialistas se empenharam em fazer, há um século, na mesma direção em que estamos tentando caminhar. O sentido do socialismo, atualmente, talvez possa ser redefinido em função da dinamização de um partido de massas, de um partido de trabalhadores, moderno, comprometido visceralmente com as condições do pluralismo democrático. O desafio com que se defronta o PT, no Brasil, hoje, consiste em verificar, na prática, em que medida e até que ponto ele vai ser o partido de novíssimo tipo capaz de promover essa redefinição.

Mas justamente porque precisa ser um partido de novíssimo tipo, para poder enfrentar um situação inteiramente nova (e totalmente diversa da do leninismo), o PT precisa reagatar o seu passado; precisa recuperar os passos que foram dados, ontem (ou anteontem), na direção em que ele se move hoje. E aí é natural que os petistas se deparem com o exemplo fascinante dos socialistas alemães, franceses e italianos de 1890. Com criatividade, teimosia e espírito de luta, eles se empenharam em fortalecer os movimentos sociais e os sindicatos, progrediram pelos meios legais, reivindicaram, negociaram, neutralizaram provocações reacionárias, ampliaram seus espaços, travaram memoráveis combates parlamentares, obtiveram vitórias importantes e mostraram concretamente como um partido socialista podia crescer e influir no Estado nas condições do pluralismo democrático.

A recuperação da experiência dos primeiros partidos socialistas de massa não é fácil. Primeiro, porque essa experiência foi forçadamente cancelada pela história socialista hegemônica pelo "marxismo-leninismo". Depois, porque a social-democracia que conseguiu se rearticular depois da primeira guerra mundial

sofreu um nítido deslocamento para a direita, na sua linha política: deixou de ser a social-democracia de Engels, de Bebel, de Guesde, de Victor Adler e de Wilhelm Liebknecht para se tornar a social-democracia de Schumacher, de Willy Brandt, de François Mitterrand e de Felipe Gonzalez.

Apesar das dificuldades, vale a pena fazer um esforço: vale a pena olharmos para trás, não para imitar (é claro), mas para compreender a força e os limites daquilo que alguns socialistas se empenharam em fazer, há um século, na mesma direção em que estamos tentando caminhar. O sentido do socialismo, atualmente, talvez possa ser redefinido em função da dinamização de um partido de massas, de um partido de trabalhadores, moderno, comprometido visceralmente com as condições do pluralismo democrático. O desafio com que se defronta o PT, no Brasil, hoje, consiste em verificar, na prática, em que medida e até que ponto ele vai ser o partido de novíssimo tipo capaz de promover essa redefinição.

Mas justamente porque precisa ser um partido de novíssimo tipo, para poder enfrentar um situação inteiramente nova (e totalmente diversa da do leninismo), o PT precisa reagatar o seu passado; precisa recuperar os passos que foram dados, ontem (ou anteontem), na direção em que ele se move hoje. E aí é natural que os petistas se deparem com o exemplo fascinante dos socialistas alemães, franceses e italianos de 1890. Com criatividade, teimosia e espírito de luta, eles se empenharam em fortalecer os movimentos sociais e os sindicatos, progrediram pelos meios legais, reivindicaram, negociaram, neutralizaram provocações reacionárias, ampliaram seus espaços, travaram memoráveis combates parlamentares, obtiveram vitórias importantes e mostraram concretamente como um partido socialista podia crescer e influir no Estado nas condições do pluralismo democrático.

A recuperação da experiência dos primeiros partidos socialistas de massa não é fácil. Primeiro, porque essa experiência foi forçadamente cancelada pela história socialista hegemônica pelo "marxismo-leninismo". Depois, porque a social-democracia que conseguiu se rearticular depois da primeira guerra mundial